

# Uma família em defesa da arte

Felipe Barra

**Carlos e Schirley,** com seus oito filhos (a mais velha nasceu num encontro de teatro), transformam escolas, ruas e praças em palcos

Uma vida dedicada à arte nos quatro cantos do País, levando divertimento, educação e uma lição de resgate cultural. Inspirado nos mamulengueiros, mestres de reisado, rabequeiros, bandas de pifanos e outras manifestações populares, a Cia. Carroça de Mamulengos – formada pelos dez integrantes da família Gomide – vem trazendo ao longo dos seus quase 20 anos de existência a paixão pelo teatro.

Um verdadeiro apanhado cultural brasileiro, que tem servido para educar o povo nas ruas e usado com frequência por escolas. O grupo tem conseguido resistir nestes tempos de conformismo e apatia cultural por conta de sua força, fé e união em torno de seus ideais, com base na ação teatral popular de rua, onde gestos, cores bailado, luzes, música e poesia se unem para gerar a lembrança da memória do Brasil alegre e divertido, um país que ainda vislumbra emergir e se iluminar como resultado da luta de pessoas como as do Carroça de Mamulengos.

Praças, favelas, associações comunitárias, esquinas. Qualquer palco é considerado sagrado para Carlos Gomide, 44 anos, sua mulher Schirley, 31, e seus filhos Maria, 13, Antônio, 12, Francisco, 9, João, 7, e os dois casais de gêmeos, Pedro e Mateus, 3, e Isabel e Luzia, que ainda têm menos de um ano de idade. Ambos sentem a necessidade de respeitar profundamente a arte aprendida de outros artistas populares como eles.

Carlos e Schirley trabalhavam com teatro de bonecos e já eram artistas mambembes desde o início da década de 80, quando se conheceram e foram morar em Juazeiro do Norte. Viajavam pelo Nordeste, Goiás e Rio de Janeiro. Os filhos foram surgindo e continuaram a viajar da mesma forma, apresentando em escolas e ruas. “Desde muito pequenos, nossos filhos se integraram de forma espontânea. Já

nasceram ouvindo, vendo e nos acompanhando. Na medida que iam nascendo, fomos inventando personagens para eles interpretarem”, revela o patriarca do grupo.

Maria, a filha mais velha, nasceu em um encontro de teatro em Natal e desde cedo se acostumou com a vida de andarilha. Não consegue imaginar ficar parada em um mesmo lugar por muito tempo. “O maravilhoso no que fazemos é poder viajar para todos os lados, conhecendo pessoas novas e aprendendo com elas e fazendo amigos. Apesar de enfrentarmos algumas tempestades, nossa vida é plena de felicidade. Vou seguir essa carreira de artista para sempre. Não tem como fugir disso”, diz.

Para o pequeno Antônio, nada substitui o prazer de se apresentar para o público. Mesmo sendo ainda uma criança, faz duras críticas ao processo de perda das raízes culturais brasileiras. “O Brasil tem coisas belíssimas e a maioria das pessoas prefere o que é feito fora daqui”, indigna-se. “Até as crianças não conseguem brincar com o mesmo prazer. Só tem brinquedos eletrônicos, com controle remoto”.

Os dois estão estudando em escolas públicas de Taguatinga. Fato raro porque, geralmente, devido ao ritmo de viagens, aprendiam com professores amigos da família. Muito alegres, inteligentes e extremamente carismáticos – como os outros irmãos – não sentem a mínima vontade de ter uma vida parecida com os colegas de escola.

Essa consciência crítica está presente em todos da família Gomide. Reflexo do trabalho realizado pela Carroça de Mamulengos. “Nossa cidadania está ligada não ao direito de ser assistido, mas ao de fazer da arte um veículo de transformação”, argumenta Carlos.

E a transformação proposta pelo grupo vai além das fronteiras do teatro. Inclui a divulgação de comidas típicas das várias regiões do País, oficinas para confecção de brinquedos, aulas de práticas circenses, música, poesia. A busca é pela integração da comunidade onde estão inseridos, seja ela qual for.

Para levar em frente esse ideal, há pouco menos de um ano a Carroça de Mamulengos estacionou em Águas Lindas (GO), cidade próxima a Brasília, onde encontrou o respaldo de outros artistas sedia-

dos na cidade, que trazem em comum o mesmo propósito de vida. “Viemos para essa comunidade porque ela está se formando agora e existe uma enorme possibilidade de fazer um trabalho de maior união”, justifica Carlos.

Em Águas Lindas foi criado um ambiente propício para esse envolvimento. Engrossou a fileira o grupo Circo Boneco e Riso, de José André dos Santos, sua esposa Neide e a filha. Mestre Zezito, como é conhecido na cidade, está ensinando alguns truques de circo, dando cursos para fabricação de brinquedos com material reciclável e atuando com educação em escolas.

O mestre Zezito e a sua família são apenas algumas das pessoas envolvidas nesse projeto de transformação da comunidade carente. Há outros, entre eles o mamulengo Babi Guedes e o tocador de viola caipira Chico Nogueira, que atualmente está acompanhando a família Gomide nas apresentações em Brasília.

A Cia Carroça de Mamulengos está fazendo várias apresentações na região do Distrito Federal e Goiás – em projetos como o *Arte por toda Parte* e até em shoppings centers –, mesmo acreditando que mais importante que os espetáculos é o espírito de comunhão da relação entre as pessoas. O grupo está com um espetáculo no Conjunto Nacional, há duas semanas, e ainda pode ser visto na próxima sexta, no final da tarde.

Carlos Gomide disse que o trabalho dos artistas de rua é permeado por dificuldades. Principalmente em função das políticas culturais equivocadas dos governantes, que em determinados locais do País dificultam as apresentações em praças públicas, tidas por Gomide como o melhor espaço para os espetáculos. A família Gomide volta a mostrar o seu trabalho no Festival Internacional de Teatro de Rua, que acontece em meados de setembro em Porto Alegre.

## RICARDO CINTRA

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

## Serviço

■ A última apresentação do Cia Carroça de Mamulengos na Praça das Gaivotas do Conjunto Nacional acontece nesta sexta-feira às 17h.

Contatos para os interessados em contratar as apresentações do grupo: (61) 989-9627 ou (61) 356-1414



**Carlos, com a mulher e os filhos: a paixão pelo teatro**